



*Artigo
da capa*

Flertando com as sombras

[Artigo 1, páginas de 8 a 23]





Heloisa Seixas

Heloisa Seixas nasceu no Rio e trabalhou muitos anos na imprensa, antes de se dedicar à literatura. É autora de mais de vinte livros, incluindo romances, contos, crônicas e infanto-juvenis, além de peças de teatro. Foi quatro vezes finalista do prêmio Jabuti, com os livros "Pente de Vênus", "A porta", "Pérolas absolutas" e "O oitavo selo". Em 2007, Heloisa transpôs para o teatro seu livro "O lugar escuro", sobre a doença de Alzheimer de sua mãe. A peça, com vários prêmios, tem sido encenada em diversas cidades do Brasil.





“Foi no dia em que minha filha saiu de casa que minha mãe enlouqueceu. Não foi gradual, era um sábado. Exatamente naquele dia, minha filha completava 22 anos. Sábado, 16 de fevereiro de 2002, oito horas da manhã. Talvez eu não pudesse precisar o momento se não fosse o aniversário, a mudança – mas foi como aconteceu. Minha mãe enlouqueceu num sábado de manhã.”

(O lugar escuro, memória, 2007)

Envelhecimento, doença, loucura, morte. Por que escrever sobre isso? Por que abordar assuntos desagradáveis se viver já é tão difícil, se esses temas já rondam nosso cotidiano, se entram por nossos olhos e ouvidos no noticiário, se dormem no fundo de nossas mentes como feras hibernando e esperando o momento de atacar? Por quê?

Como escritora, tenho ouvido perguntas assim ao longo dos anos. E para elas tenho uma resposta justa, direta: para que esses assuntos deixem de me assombrar. Para me livrar deles. Para ter, se não a certeza, pelo menos a ilusão de que posso controlá-los. Escrevendo sobre aquilo que mais me assombra, eu ancoo meus terrores no papel. Quando medo, dor ou morte são aprisionados nas palavras, quando são presos entre as páginas de um livro, eles viram história. Não me pertencem mais. E daquele momento em diante – assim como acontece nos contos de fadas – o encanto está quebrado.

Escrita é mistério. Os escritores vivem em uma região limítrofe, sofrem de uma espécie de esquizofrenia. A vida real e a ficção se relacionam como uma via de mão dupla. As páginas são as pontes que, uma vez estendidas, tornam os caminhos concretos. Essa ligação dá uma sensação de segurança. Se não for feita, os temas mais difíceis ficarão borbulhando lá embaixo, nas regiões abissais, nos subterrâneos, e um dia poderão vir à tona em forma de explosão, sem controle. Essa é a principal razão pela qual escrevo.

Certa vez, ao chegar para uma reunião literária da qual ia participar, ouvi de uma leitora uma exclamação de espanto: “Nossa! Mas você é tão diferente do que eu imaginava!” Perguntei por quê. E ela me explicou que, lendo meus livros, achava que eu era uma pessoa soturna, calada,



Escrita é mistério. Os escritores vivem em uma região limítrofe, sofrem de uma espécie de esquizofrenia. A vida real e a ficção se relacionam como uma via de mão dupla.

sempre vestida de cores escuras (nesse dia eu estava com uma roupa bem colorida). Achei graça naquilo. Contei que meus amigos me acham muito bem-humorada, que sou uma pessoa solar e adoro praia. Que tenho paixão por samba, Carnaval, futebol. E tentei explicar: “Eu sou aquilo que escrevo, mas ao mesmo tempo não sou”. Ela ficou me olhando, talvez sem entender. E eu completei: “Eu sempre escrevo sobre o que me espanta”.

A resposta foi franca, mas devo admitir que há algo além disso. Se, por um lado, existe o medo como impulso, por outro, há também o fascínio. A atração pelo assombroso, pelo tortuoso, proscrito. Pelo desconhecido. Esse sentimento vem de longe e até consigo precisar alguns momentos do passado em que ele se encorpou em mim. Sempre falo daquele dia distante, numa aula de matemática, em que minhas certezas ruíram, quando o professor anunciou que todo número elevado à potência zero era igual a um. Eu, menina, me espantei. Como é possível que qualquer número, multiplicado por nada – por *nenhuma vez* –, tenha o Um como resultado? Embora detestasse matemática, eu tinha grande respeito pela matéria. Achava que os números, com sua frieza e exatidão, não podiam errar, não podiam mentir. Eram lógicos. Aquela afirmação do professor destruía minhas crenças. Eu me senti traída. Mas, lá no fundo, percebi que havia na minha revolta um encanto. E só depois compreendi a razão: eu estava frente a frente com o *desconhecido*.

Lembro-me de outras ocasiões em que me deparei com o mistério. Uma delas foi quando, já mocinha, abri um livro de bolso, em inglês, que guardo até hoje. Chama-se *The story of mankind* (A história da humanidade), de Hendrik Willem Van Loon. A epígrafe do livro, que traduzo aqui, diz: “Nas terras altas do Norte, num lugar chamado Svithjod, existe uma montanha. Ela tem cem milhas de altura e cem milhas de largura. Uma vez a cada mil anos, um pequeno pássaro vai até o alto da pedra para afiar o bico. Quando a montanha tiver sido gasta por inteiro, só então, um único dia da eternidade se terá passado”. Essa frase perturbadora me lembrou de outra, ainda mais inquietante, que eu lera alguns anos antes num artigo sobre o universo. O texto explicava que o universo é infinito no tempo e no espaço. E em seguida trazia a frase que me marcou: como é infinito, o universo existe, *mas nunca começou*.

Em todas essas ocasiões era o desconhecido que se apresentava para mim. Talvez esses momentos de inquietação, da menina e da jovem que eu fui, tenham ajudado a moldar a escritora que eu seria um dia. E talvez seja por causa deles que prefiro sempre caminhar pelas regiões de sombra quando faço livros.

A ESCRITA

“Então, deixei correr aquela seiva estranha, feita de uma matéria que eu não entendia. (Pausa) Até hoje, quando escrevo, tenho a sensação de estar à deriva, levada pelos personagens, que me obrigam a deixar aflorar coisas que eu queria esconder. Eles querem dar o seu testemunho, materializar o impalpável, ancorar o imaterial, marcar a terra com seus rastros...”

(trecho da peça teatral *O lugar escuro*, 2013)

Fui uma criança solitária, calada, que prestava muita atenção em tudo e ficava refletindo sobre as coisas. Eu tinha amigos imaginários e me contava histórias em pensamento. Ao contá-las, construía os enredos, criava diálogos, fazia pausas – como se fossem as mudanças de capítulo. E, depois de adulta, continuei fazendo isso. Até que, num dado momento, alguma coisa se transformou. Surgiu dentro de mim uma urgência e comecei a perceber que todos aqueles contos e personagens, guardados dentro de mim pela vida toda, começavam a ganhar substância, a se solidificar. Pareciam prestes a invadir o real.

Eu tinha medo de que eles me fizessem mal. Se não ditas, se não contadas, as histórias poderiam crescer como um tumor. Por isso, e só por isso, comecei a escrever. Aconteceu quando eu tinha 40 anos. Na época, muitas pessoas comentaram que era preciso coragem para começar assim, já madura. Mas eu sempre tive a consciência de que não agia por coragem, e sim por covardia. Medo de me desintegrar, medo de morrer ou enlouquecer.

As primeiras histórias já continham sombra. Não por acaso, meu primeiro livro, *Pente de Vênus*, de contos, tinha por subtítulo “Histórias do amor assombrado”. Depois, vieram livros sobre paixão, solidão, loucura. Em todos eles eu tinha sempre a impressão de estar me deparando com o mistério. Escrever ficção é flertar com as sombras.

Uma das facetas curiosas da escrita é o estranho dom que os autores têm de adivinhar o futuro. Somos às vezes assolados por premonições. Um exemplo que me vem sempre à mente é o do escritor americano Ambrose Bierce. Ele ficou muito conhecido por sua atuação como jornalista cáustico e destruidor de reputações, mas também escrevia contos de terror. Nessas histórias, havia um assunto recorrente: muitos de seus personagens desapareciam sem deixar rastro. Simplesmente sumiam como se tivessem resvalado numa fenda do tempo ou sido tragados por um universo paralelo. Eram mortes sem corpo. Pois

bem: em 1913, já velho, Bierce viajou para o México como jornalista, para documentar a revolução de Pancho Villa. E desapareceu. Assim como acontecia com os personagens de seus contos de terror, Bierce sumiu para sempre. Até hoje, mais de cem anos depois, em plena era das pesquisas de DNA, há quem procure rastros de seu cadáver em terras mexicanas, mas nada foi encontrado, jamais. Uma morte sem corpo – repetindo a ficção.

Outro exemplo que me inquieta é o do poeta Mario Faustino. Faustino trabalhava no Jornal do Brasil, na segunda metade dos anos 1950, e era muito respeitado. A morte era um dos temas centrais de seus poemas, que foram reunidos num livro, *O homem e sua hora* (o título já diz tudo). Na madrugada do dia 27 de novembro de 1962, Faustino, com apenas 32 anos, estava a bordo de um avião que explodiu sobre os Andes peruanos. Seus leitores perceberam, então, como muitos versos de seus poemas pareciam prever a morte que ele teria. Um desses poemas, “Sinto que o mês presente me assassina”, tinha um verso que dizia “A morte espacial que me ilumina”. E em outro, o poema “Mito”, Faustino ia além: “Os cães do sono calam/ E cai da caravana um corpo alado/ E o verbo ruge em plena/ Madrugada cruel de um albatroz/ Zombado pelo sol”.

Eu própria vivi muitas situações estranhas desde que comecei a escrever. Uma delas aconteceu assim: quando fiz meu primeiro romance, *A porta*, uma amiga minha, tendo acabado de ler o livro, veio me procurar. Parecia perturbada. E me explicou por quê: poucos meses antes, um amigo lhe fizera uma confidência, contando-lhe um segredo de sua vida e pedindo que ela jamais o revelasse a quem quer que fosse. Pois qual não fora a surpresa de minha amiga quando, lendo meu livro, se deparou com uma situação exatamente igual à relatada por esse rapaz. “Ele sabe que somos amigas. Se algum dia ele abrir esse livro e ler a história dele, exatamente como me relatou, vai ter certeza de que fui eu que lhe contei. E nunca vai me perdoar”. Minha amiga jamais me revelou que história era essa, mas a conversa me deixou com a sensação de que eu captara no ar um segredo que não me pertencia.

Mas nem essas inquietações me fizeram parar. Ao contrário, nos últimos tempos precisei mais do que nunca da escrita como um porto no qual me ancorar. Isso porque, na estrada de mão dupla que é a relação entre ficção e real, os desastres começaram a acontecer à minha volta, *do lado de fora*, um atrás do outro. E foi como se o cerco se fechasse.



Quem nunca conviveu com um caso de demência senil pensa que a doença de Alzheimer é simplesmente a perda da memória. Mas não é. Um de seus primeiros sintomas é a modificação da personalidade. A princípio de forma sutil, essa mudança vai aumentando e contaminando as relações.

A DOENÇA

“Em meio ao cérebro destroçado, há escaninhos intactos. Como naquela loja, no subterrâneo das Torres Gêmeas, em Nova York, onde, nas escavações, os bombeiros encontraram uma vitrine inteira, cheia de copos de cristal.”

(O lugar escuro, memória, 2007)

Em 2002, eu, que sempre gostei dos temas sombrios, me vi no meio de uma história de terror. De repente, minha mãe, uma figura tão importante para mim pela vida toda, não era mais a mesma pessoa. Ou era, mas apenas em corpo – o que é mais inquietante. Como naqueles filmes de ficção científica, eu tinha diante de mim alguém que fisicamente era minha mãe, mas que já não agia como ela. Como se tivesse sido tomada por uma entidade desconhecida. Alzheimer. Foi um assombro. Só me restava escrever.

Quem nunca conviveu com um caso de demência senil pensa que a doença de Alzheimer é simplesmente a perda da memória. Mas não é. Um de seus primeiros sintomas é a modificação da personalidade. A princípio de forma sutil, essa mudança vai aumentando e contaminando as relações. Às vezes, o doente se transforma no avesso de si mesmo: torna-se manhoso, quando era corajoso; brigão, quando era pacífico; desafiador, quando era cordato. Além disso, todas as dores mal trabalhadas, todas as mágoas acumuladas ao longo de anos – coisas naturais nas convivências familiares – começam a aflorar. Os pequenos nós, os pontos doloridos, se fazem sentir com mais agudeza, e isso torna as relações entre o doente e seus parentes quase insuportáveis.

Quando minha mãe apresentou os primeiros sintomas, eu não tinha a menor ideia do que estava acontecendo. Achava que envelhecer era assim. Demorei muito a procurar ajuda médica especializada e

acredito que isso tornou mais difícil minha relação com ela. E acabei por descobrir que tinha dentro de mim um sentimento poderoso e destruidor: a raiva.

A doença de Alzheimer traz consigo vários males, que se infiltram na vida do doente e de todos que convivem com ele. E a raiva é um desses males. Os parentes não conseguem compreender o que está acontecendo, negam a doença – ou simplesmente a desconhecem – e com isso acabam sendo tomados por um sentimento de revolta. E não é só raiva. É culpa, também. Ou mesmo loucura. Houve momentos, durante o processo de esfacelamento da mente da minha mãe, em que senti que me degradava também, que eu própria estava a ponto de enlouquecer.

Foram todos esses sentimentos horríveis que me levaram a escrever um livro sobre o Alzheimer. Uma memória da doença que eu testemunhava. Quando me sentei no computador, não sabia ao certo o que faria. Deixei que meus dez dedos, pousados sobre o teclado, decidissem tudo, caminhassem sozinhos. Sem censura, sem filtros. Escrevi durante semanas, de forma febril. E assim se fez *O lugar escuro*. É não só um relato da minha convivência com a doença, mas também uma viagem ao fundo da mente da minha mãe. Uma catarse que me ajudou a entender e, principalmente, a aceitar muitas coisas.

Sabemos muito pouco sobre as doenças senis. O neurologista que atendeu minha mãe disse que ela não sofria apenas de Alzheimer, mas de uma combinação de doenças, incluindo a demência com corpos de Lewy e a demência fronto-temporal, ou doença de Pick. Na época, ouvi aquilo e não entendi nada. Depois, fiquei sabendo que os corpos de Lewy são estruturas cheias de proteína, que matam ou modificam os neurônios; e que a doença de Pick afeta os lobos frontal e temporal, atingindo mais o comportamento do que a memória. Mas, nos dois casos, ninguém sabe por que isso acontece. E não há cura.



Foram todos esses sentimentos horríveis que me levaram a escrever um livro sobre o Alzheimer. Uma memória da doença que eu testemunhava. Quando me sentei no computador, não sabia ao certo o que faria. Deixei que meus dez dedos, pousados sobre o teclado, decidissem tudo, caminhassem sozinhos. Sem censura, sem filtros. Escrevi durante semanas, de forma febril.

O mesmo se dá com a doença de Alzheimer: quando, em 1906, o neuropatologista alemão Alois Alzheimer pesquisou o cérebro de uma paciente sua, morta aos 55 anos com demência precoce, e descobriu emaranhados fibrosos dentro de seus neurônios, ele estava inscrevendo seu nome na história da medicina. Mas o que até hoje ninguém sabe é por que esses emaranhados neurofibrilares e placas neuríticas – que, grosso modo, apagam os neurônios – aparecem.

Esses mistérios envolvendo a doença, assim como sua negação, acentuam os conflitos. Depois de ter convivido com a doença de minha mãe por mais de dez anos, eu me arriscaria a dizer que se houvesse um maior esclarecimento sobre o problema, os casos de violência contra os idosos diminuiriam. O Brasil tem hoje cerca de vinte milhões de pessoas com mais de 80 anos. Como nessa faixa etária as chances de desenvolver demências senis podem chegar a quase 40 por cento, há perto de dez milhões com esse tipo de doença. E se contarmos as pessoas que estão em volta delas – filhos, maridos, mulheres, irmãos, acompanhantes – estamos falando de um universo de talvez 40 milhões de pessoas afetadas pelo problema.

Fazer o livro *O lugar escuro*, e também adaptar depois o texto para o teatro, foi uma das experiências mais ricas pelas quais passei desde que comecei a escrever. Primeiro, porque ele me ajudou a compreender o meu próprio processo de convivência com a doença, a maneira como meus sentimentos para com minha mãe foram traçando, ao longo do tempo, uma espécie de arco – caminhando da raiva para a compaixão. Levando os sentimentos e as experiências para o papel, percebi isso com mais clareza, vi que tinha passado a gostar mais da minha mãe. Os momentos alegres que consegui ter ao lado dela, quando cantávamos juntas as marchinhas de Carmen Miranda – quando ela já nem sabia mais quem eu era –, me fizeram refletir sobre o poder da música, sobre as regiões secretas do cérebro onde as memórias mais antigas continuam adormecidas (os escaninhos intactos, os copos de cristal). Mas foi ao explicitar minhas mágoas, foi ao falar de minha revolta, que *O lugar escuro* foi mais transformador.

Assim que o livro foi publicado, todas as vezes que eu dava uma entrevista ou participava de um encontro literário, as pessoas vinham falar comigo muito emocionadas. Vinham dizer do quanto tinham compreendido meus pontos de vista. E vinham, principalmente, me agradecer por ter falado da minha raiva. Porque elas, vivendo situações semelhantes, também sentiam raiva – mas não tinham coragem de confessar.

O lugar escuro é um livro que me acompanha, talvez mais do que qualquer outro. Ele me ensina coisas, até hoje. Se é verdade que, ao publicar um livro, mandamos uma história para o mundo e ela já não nos pertence, é verdade, também, que algumas histórias voltam para nós de formas diversas. No caso de *O lugar escuro*, essa troca se dá porque as histórias daqueles que me leem ou ouvem, assim como daqueles que assistem à peça, são muito parecidas com aquilo que eu vivi. A senilidade e suas doenças, entre elas as várias formas de demência, parecem estar cada vez mais entre nós. É raro falarmos no assunto Alzheimer sem ouvir o interlocutor dizer que tem um caso na família ou que sabe de alguém que tem. O mal parece estar em toda parte. E a verdade é uma só: estamos vivendo demais. E nem sempre vivendo bem.

A QUASE MORTE

“Em pouco tempo, estavam submersos. Era um mundo de gelo e também de silêncio – como em toda cena subaquática, não havia sons. Mas ela lia perfeitamente os movimentos labiais do médico. Entendia tudo o que ele estava dizendo para seu colega, o especialista. Falava em linguagem cifrada para que ela e o marido não entendessem – mas a mulher captava tudo, sem querer. As mãos do médico seguravam com força o fone. Os pequenos tufo de pelos nos dedos médios ali estavam, e os dedos brilhavam. O médico suave, parecia nervoso. *Ele está com medo.*”
(*O oitavo selo*, romance, 2014)

Esta cena aconteceu em janeiro de 2005. É uma cena real. Nos três anos anteriores, eu vinha lutando com a doença da minha mãe. Foram talvez os piores anos da doença dela, porque foram neles que nasceu minha revolta, fruto da incompreensão. Quando 2004 chegou ao fim, lembro-me de estar esgotada. No último dia do ano, à medida que se aproximava a meia-noite, em meio a centenas de milhares de pessoas vestidas de branco na praia de Copacabana, eu me peguei pensando: “Tomara que 2005 seja um ano melhor”. Mas não foi. Com uma força que me fez pensar no tsunami que acabara de varrer a Ásia, matando mais de 200 mil pessoas, uma onda de horror me surpreendeu naquele janeiro: meu marido – o escritor Ruy Castro – teve diagnosticado um câncer na base da língua, com metástase nos gânglios linfáticos. Não vou me alongar aqui nos terrores dessa doença, nem na luta sem trégua que foi travada para vencê-la, até porque outros males vieram depois. Foram

muitos confrontos de Ruy com a morte nos anos que se seguiram: um enfarte, outro câncer, uma encefalite. Tampouco vou tentar explicar de onde me veio a força para suportar todos esses embates enquanto, em outro *front*, eu lutava com a doença da minha mãe. O importante aqui não é a coragem – mas o medo. Por que foi ele, o medo, que me moveu mais uma vez. Foi ele que me fez escrever.

A ideia para o livro *O oitavo selo* surgiu de uma conversa durante a FLIP, a feira literária de Paraty. Guiomar de Grammont, na época diretora editorial da Record, começou a me falar sobre um projeto relacionado a mitos eróticos e de repente mencionou o nome de Sherazade. A partir desse instante, em que ela falou da personagem de *As mil e uma noites* – aquela que, como todos sabem, contava histórias para não ser morta pelo sultão –, meu cérebro começou a trabalhar. Ruy vinha enfrentando, como eu disse, várias doenças terríveis nos últimos anos, e eu observava como sua luta se ligava à escrita. Ruy tinha sempre um livro por terminar. E não podia se dar ao luxo de morrer com um livro pela metade. Onde, enquanto estivesse escrevendo, continuaria vivo. Escrever para não morrer.

Esse mecanismo de sobrevivência era o mesmo aplicado por Sherazade.

Surgiu, assim, a ideia de escrever *O oitavo selo*. O livro é um quase romance, uma narrativa ficcional completamente calcada em fatos reais, acontecidos. Todos os confrontos de Ruy com a morte foram sendo despejados no papel e, à medida que eu o fazia, fui percebendo que havia também, naquela luta dele, uma semelhança com o filme de Ingmar Bergman, *O sétimo selo*, no qual um homem joga xadrez com a Morte para adiar o momento de ser levado por ela. Por coincidência, os selos – as marcas na pele – eram também sete. E, coisa curiosa, descobri ainda que cada selo dizia respeito a uma parte ou elemento do corpo: sangue, nariz, fígado, língua, coração, sexo, cérebro. E o “oitavo selo” do título seria aquele que ainda está em aberto, que ainda está por vir. Ou a própria vida.

Segui escrevendo. Mas foi só ao terminar o livro que percebi meu próprio truque. Posto o ponto final, presos no papel todos os sustos pelos quais tínhamos passado, comecei a me sentir pacificada, calma. Passei a dormir melhor. Meus sobressaltos e angústias desapareceram. E só então entendi que eu também estava escrevendo para me salvar. Claro, sempre fora assim. Sherazade sou eu.

A MORTE

“Faltam três horas. Três horas porque eu assim decidi, é como deve ser. Três horas, cento e oitenta minutos, para que você possa ler o que tenho a dizer de uma arrancada, no tempo que me resta, a mim e a você, irmanados na vertigem de percorrer esse território – noturno, lunar, onírico – que é o cenário da morte.”

(*Agora e na hora*, romance, 2017)

Os livros têm alma própria, têm uma biografia. Cada um deles se escreve de forma peculiar e é único em sua relação com o escritor que o faz. Às vezes, mesmo servindo de veículo para anular nossas inquietações, eles nos dão medo. Foi assim com meu livro *Agora e na hora*. Um escritor em estado terminal, sofrendo de um câncer incurável no pulmão, escreve um livro sobre a morte e tem um plano de suicídio: quer se matar sobre os originais assim que terminar de escrever. *Precisa* se matar antes de morrer, para ser o senhor da própria morte. Esse é o tema do livro.

Comecei a escrevê-lo em 2004 e, ao contrário do que costuma me acontecer, levei muitos anos para terminar. Parava no meio, largava, retomava. Custei a perceber uma coisa óbvia: de tanto misturar meus sentimentos com os sentimentos dos personagens, de tanto usar a escrita para exorcizar meus fantasmas, eu temia ser tragada por minha própria história. Em palavras claras, tinha medo de morrer quando acabasse o livro. Afinal, era o que acontecia ao personagem criado por mim. Então...

Então, aconteceu o pior. A vida real pareceu *mesmo* invadir a história, relacionar-se com ela. Transcrevo aqui meus próprios comentários, que estão numa espécie de posfácio do livro: “Ao criar, em 2004, o personagem central de *Agora e na hora*, eu tinha em mente o escritor e amigo Marcos Santarrita, a quem dedico o livro. Na época, Santarrita estava em perfeita saúde, trabalhando como nunca, e não sei por que o transformei em figura tão trágica, de peito oprimido. Talvez por ele ter dito um dia, há muitos anos, que se mataria caso não conseguisse ser escritor. Quando – depois de mais de dez anos e muitas interrupções – botei o ponto final na história, Santarrita estava morto. De um câncer no pulmão.”

São as tais premonições estranhas que assolam os escritores, das quais eu falava há pouco. Não há explicação para essa capacidade de captar sinais onde eles não estão visíveis. No caso de *Agora e na hora*, a notícia da morte de Santarrita, vitimado pelo mesmo tipo de câncer

que eu havia criado para o meu personagem anos antes, me assustou muito. Precisei de um exercício de disciplina para terminar o livro. E consegui. A certa altura, percebi que minha relação com o romance era um embate entre criador e criatura, e que eu precisava me impor para perder o medo. Foi o que fiz. Deu certo.

Os livros são assim. Dependendo do momento e das circunstâncias em que são concebidos, eles se desenrolarão de um jeito ou de outro, um pouco à revelia do autor. Mas, mesmo quando nos inquietam, as palavras que surgem sob nossos dedos acabam por nos aliviar de algum mal.

A SALVAÇÃO PELA PALAVRA

“Vivemos tentando deixar nossas pegadas, apressados entre o início e o fim da viagem, sem saber ao certo o que acontecerá. E tudo passa num sopro, uma rajada, não dura mais do que alguns minutos diante do arco da eternidade. A vida é um conto mínimo.”

(*Contos mínimos*, contos, 2001)

No ano da morte da minha mãe, escrevi um livro colorido. Um livro que, de certa forma, é o reverso de *O lugar escuro*. Minha mãe sempre foi uma mulher alegre, que gostava de festas, dava lindos laços de fita, fazia arranjos de flores e cozinhava muito bem. Achei que, depois de descrever os momentos tão tristes de sua doença, eu ficara lhe devendo um outro livro, que fosse iluminado. Escrever também serve para isso, para os acertos de contas. E assim nasceu *Uns cheios, outros em vão*, um livro de receitas e de histórias de família. O título vem de um ditado que minha mãe sempre dizia, significando que, na vida, não se pode ter tudo.



No ano da morte da minha mãe, escrevi um livro colorido. Um livro que, de certa forma, é o reverso de *O lugar escuro*. Minha mãe sempre foi uma mulher alegre, que gostava de festas, dava lindos laços de fita, fazia arranjos de flores e cozinhava muito bem. Achei que, depois de descrever os momentos tão tristes de sua doença, eu ficara lhe devendo um outro livro, que fosse iluminado.

Durante os meses em que minha mãe esteve seriamente doente, parte deles internada, eu me dediquei a remexer gavetas em busca de suas velhas – e bagunçadas – receitas culinárias. Essa arqueologia amorosa, que foi para mim um escape, me levou a muitas descobertas. Para começar, percebi que as receitas me contavam histórias. “Como se estivessem sendo contadas a mim pelas mulheres da família”, expliquei na introdução do livro. As páginas dos cadernos desfeitos, os pingos de gordura nas bordas, os rasgões, as anotações feitas às pressas, tudo isso eram fragmentos do passado, mas de um passado alegre, feito de festas, almoços e jantares, de lanches felizes em dias de chuva, de reuniões, de encontros. E, comparando com o chá de tília e as madalenas de Proust em seu *Em busca do tempo perdido*, escrevi: “... também das minhas páginas reencontradas saíram quartos, casas e quintais, cidades e sítios, cheiros, gostos e prazeres, assim como sustos, medos, talvez até mágoas. Brotaram das folhas de papel, como o aroma que se espraia de uma travessa fumegante, trazendo junto com elas o sabor de várias gerações”.

Entre as muitas descobertas que fiz ao separar material para *Uns cheios, outros em vão*, estavam algumas páginas de um livro de receitas muito, muito antigo, que deduzi ter pertencido à minha avó Guiomar, mãe de minha mãe. Essas páginas, que imaginei terem sido escritas nos anos 1920, falavam de um mundo que há muito já não existe, com ingredientes pesados em libras e receitas com quantidades absurdas, como um doce que levava 18 gemas de ovos! Mas o que mais me comoveu foi a letra da minha avó. As páginas tinham aquela caligrafia que hoje só vemos em convites de casamento, com uma delicadeza que me pareceu estranha a essa avó que eu só conheci de roupa escura e semblante fechado. Senti como se ela, do passado, me mandasse uma mensagem. E lembrei-me de uma história real sobre a qual já escrevi. Uma história que também falava de fragmentos, de rastros.

Há muitos anos, um avião japonês sofreu uma pane durante um voo e começou a cair. Com os motores irremediavelmente parados, foi perdendo altitude devagar. Logo, os pilotos perceberam que não havia nada a fazer, a queda era inexorável. Todos a bordo entenderam. Eles *sabiam* que iam morrer. E a queda durou vinte minutos. Tempo em que todos ali, dentro daquela cápsula de aço, estiveram frente a frente com a certeza da morte iminente.

O avião caiu. Todos morreram. Mas, consumado o desastre, as equipes de resgate encontraram, entre os destroços calcinados, pedaços de cadernetas e fragmentos de papel, até guardanapos, com anotações de vários passageiros, que tentaram, naqueles minutos terríveis, deixar uma última mensagem. Como se fossem náufragos, condenados e sem esperança, numa ilha deserta.

O impulso daquelas pessoas – de, diante da morte, procurar deixar alguma coisa escrita – não é muito diferente do que fazem os artistas da humanidade: escritores, pintores, músicos, que tentam deixar marcas de sua passagem sobre a terra. Ou melhor: como fazemos todos nós, de forma consciente ou não. Afinal, pensei, ao traçar sobre o papel suas receitas, com letra caprichada, minha avó também estava, talvez sem saber, deixando para trás uma marca, uma pegada. Claro, não é preciso fazer uma grande obra arquitetônica ou descoberta científica, nem mesmo escrever um livro – para ser lembrado. Qualquer fragmento que seja capaz de, um dia, comover alguém já terá cumprido seu papel. Há, nesses rastros que deixamos pela vida, uma centelha de eternidade. ☺

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- FAUSTINO, Mario. *O homem e sua hora*. Rio de Janeiro: Livros de Portugal, 1955.
- SEIXAS, Heloisa. *O lugar escuro*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2007.
- SEIXAS, Heloisa. “Um acerto de contas” (extratos). *Revista Claudia*. Dezembro de 2007. Prêmio Abril de Jornalismo: categoria Artigo.
- SEIXAS, Heloisa. *O oitavo selo*. São Paulo: Cosac Naify, 2014.
- SEIXAS, Heloisa. *Agora e na hora*. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.
- SEIXAS, Heloisa. *Contos mínimos*. Rio de Janeiro: Record, 2001.
- SEIXAS, Heloisa. *Uns cheios, outros em vão*. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2013.
- VAN LOON, Hendrik Willem. *The history of mankind*. New York: Pocket Books, 1939.